

ALTOS



António José Seguro
Secretário-Geral
do Partido Socialista

A semana esteve longe de ser perfeita, com grãos na engrenagem como a ausência de Soares da campanha ou a forma pouco sustentada como apresentou 80 propostas para governar. Mas, ainda assim, merece nota positiva: o PS está bem encaminhado para vencer as eleições e na campanha conseguiu dar sinais de convergência, ao agarrar apoios como os da Renovação Comunista e de António Capucho.



Marco Silva
Treinador do Sporting

Depois de um conjunto de temporadas brilhantes no inexpressivo Estoril, levando-o sucessivamente à Europa, o jovem técnico tem agora uma oportunidade de ouro. Que também é um teste de fogo.

E BAIXOS



Paulo Rangel
Candidato
do PSD/CDS
às europeias

Estas duas semanas confirmaram o que já se apresentava: a maioria caminha para uma derrota nas urnas. E a forma como a campanha foi conduzida, em particular pelo cabeça de lista, também veio ajudar à festa: Insistir de forma quase obsessiva na teca Sócrates como tema de campanha é no mínimo exagerado. Não tinha mais nada a propor e a dizer?



Adolfo Luxúria Canibal
Cantor

O advogado e figura carismática dos Mão Morta conseguiu uma grande operação de marketing para o lançamento do seu novo disco, ao aparecer num videoclip de pistola na mão a disparar sobre políticos e banqueiros. É verdade. Mas também é verdade que o que fez foi um miserável serviço à democracia e à cidadania.

MARTIM SILVA
msilva@expresso.impressa.pt

ENTREVISTA

José Soares Neves Investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE “Temos os níveis de leitura mais baixos da Europa a 27”



Textos **ISABEL LEIRIA**
Fotos **ANA BAIÃO**

que se possa considerar que haja uma sobreprodução.

recente, até pelo facto de se ler pouco em Portugal. Mas é uma área claramente em ascensão.

SECTOR EM QUEDA

■ Como por exemplo?

■ A portabilidade, a capacidade de armazenamento, a rapidez de acesso. Eventualmente, pode permitir uma baixa dos preços. Mas aí não estou seguro de que seja uma vantagem, pois seria à custa do desaparecimento de agentes importantes de mediação, como são os editores e os livreiros.

■ O preço dos livros é um desincentivo à compra?

■ Não acho que seja decisivo. Há gamas variadas de preço e que até rapidamente baixam.

■ E também não recorremos muito a bibliotecas.

■ A criação de uma rede nacional de bibliotecas públicas é de meados dos anos 80 e, portanto, a criação de hábitos de frequência é também tardia face a outros países europeus. Ainda assim, a diminuição de idas às bibliotecas parece ser menor do que a dos hábitos de leitura. Temos, segundo o último Eurobarómetro, os níveis de leitura mais baixos da Europa a 27, com uma regressão muito forte de 10 pontos percentuais desde 2007.

leiria@expresso.impressa.pt

Nun país com poucos leitores,

a Feira do Livro de Lisboa tem resistido ao longo dos anos. A 84ª edição começa quinta-feira, no Parque Eduardo VII. No Porto, depois de várias polémicas, ficou marcada para setembro. José Santos Neves, investigador e autor de estudos sobre os hábitos de leitura dos portugueses, explica porque se edita tanto e se lê tão pouco.

■ Costuma ir à feira do livro?

■ Sim. Por causa dos livros que procuro, que não são best-sellers, e que posso encontrar lá e pela oferta muito grande de livros infanto-juvenis. Tenho dois filhos pequenos, eles também vão e é um programa em família.

■ Num país onde se lê pouco, como é que se edita uma média de 30 livros por dia?

■ O número é expressivo mas é menor do que há alguns anos. São dois fenómenos que vão a par: há um decréscimo dos índices de leitura nos últimos anos, mas também uma menor diversidade da oferta. Ainda

■ Quando é que se começou a sentir essa diminuição?

■ Nos três estudos sociológicos que se realizaram em Portugal (1987, 1992 e 2007) notou-se um acréscimo dos índices de leitura. Que teve a ver com o aumento da oferta, mas também com a melhoria dos níveis de escolaridade da população, que é claramente a principal variante explicativa. Os estudos posteriores já mostram um decréscimo, de 2009 para 2013. Há aqui uma coincidência com a crise económica e financeira.

■ Não tem a ver com um desinteresse das novas gerações?

■ Não. Os estudos também mostram que as novas gerações têm níveis de leitura maiores, porque também têm níveis de escolaridade mais elevados. Por outro lado, estão mais preocupadas com consumos ligados às novas tecnologias, nomeadamente de conteúdos digitais.

■ Mas em Portugal a penetração do e-book, por exemplo, ainda é muito reduzida.

■ A aposta das editoras no formato e-book é relativamente

■ Porque é que a adesão à leitura de notícias on-line ou à compra de música na internet foi tão rápida e o mesmo não aconteceu com os livros?

■ Na música houve uma alteração de hábitos, em que se passou do consumo de conteúdo mais alargado, que era o CD, para um formato mais reduzido — a faixa. Essa é a unidade hoje. Com os livros essa transformação não se aplica. Neste sector, os avanços tecnológicos, quer dos equipamentos de leitura quer dos softwares disponíveis, não estão tão desenvolvidos quanto os suportes de receção de música.

■ O digital vai acabar por matar o papel?

■ É difícil prever. Que o digital vai ter um papel muito relevante parece inevitável. Mas o papel vai continuar a ser predominante nos próximos tempos. É um suporte que provou, ao longo dos séculos, a sua adequação, e que é muito confortável. E os hábitos de consumo estão muito arraigados. Claro que o digital



INSTITUTO
SUPERIOR
DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE
EGAS MONIZ

www.egasmoniz.com.pt

Alojamento disponível no Campus - Residência Universitária Egas Moniz

CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS

MESTRADO INTEGRADO | 5 ANOS

- Plano de estudos renovado e adaptado ao mercado de trabalho.